
O valor-notícia dos dados do INPE: uma análise dos conflitos e episódios que levaram a Folha de São Paulo a reportar o desmatamento florestal em 2019 e 2024¹

Heitor Costa Lima da Rocha²

Adriano Izhar Cansanção³

Rafael Ferreira Dantas Santos⁴

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo

Em 2019, o então presidente Jair Bolsonaro contestou os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) sobre desmatamento, evidenciando postura negacionista com relação à necessidade de preservação do meio ambiente, e gerou um conflito com cientistas que foi amplamente noticiado. Cinco anos depois, estes dados foram novamente objeto de pauta por figurarem em um conflito entre o presidente Lula e agentes que realizaram uma série de queimadas. Neste estudo, tem-se como objetivo geral analisar como os dados do INPE foram destacados pela Folha de São Paulo e, para alcançar esta meta, o estudo recorre à análise de conteúdo (Bardin, 2010) e à teoria da narrativa (Motta, 2005) e contribui com dados que evidenciam que a reportagem dos dois momentos foi influenciado por um valor-notícia: a intriga.

Palavra-chave: política x ciência; conflito; valor-notícia.

Introdução

Em julho de 2019, o ex-presidente da república Jair Bolsonaro contestou os dados divulgados pelo INPE de que o desmatamento da Amazônia tinha crescido 68% em relação ao mesmo período do ano anterior e alegou que os números não correspondiam à realidade e representavam um sensacionalismo midiático. Acusou, ainda, o ex-diretor do instituto Ricardo Galvão de estar a “serviço de alguma ONG” e lançou dúvida à credibilidade tanto do instituto como do cientista que divulgava as estatísticas (Brant, 2019).

Esta contestação aos dados científicos gerou uma série de embates entre o político e cientistas de todo o mundo que foi amplamente documentada pela mídia e cuja cobertura só se reduziu após um discurso na assembleia das Nações Unidas no qual o ex-mandatário se comprometeu a fortalecer políticas ambientais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º CONGRESSO Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Sociologia e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e-mail: heitor.rocha@ufpe.br

³ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, e-mail: adriano.cansancao@ufpe.br

⁴ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, e-mail: rafael.dsantos@ufpe.br.

A discussão, no entanto, foi retomada em agosto de 2024, quando o presidente Lula se valeu de dados do INPE e do IBAMA para declarar que “tem gente colocando fogo de maneira ilegal” (Feitoza, 2024), pois, de acordo com o mandatário e com a ministra do meio ambiente Marina Silva, havia um incêndio sistemático de áreas proibidas de serem queimadas e uma conexão entre o desmatamento de 2019 e o de 2024. Esta hipótese também foi amplamente investigada pela mídia e a cobertura só se reduziu quando os incêndios foram devidamente controlados.

A este estudo, interessa analisar o valor-notícia dos dados do INPE durante as duas crises ambientais e a pesquisa adota a cobertura da Folha de São Paulo como objeto de estudo pelo fato deste jornal figurar entre os quinze jornais com maior número de assinantes no mundo (PODER360, 2019) e ter publicado centenas de notícias sobre o caso. Na pesquisa, foram identificados os principais episódios das duas coberturas e detectados os principais conflitos destacados pelo periódico com o objetivo de evidenciar que o valor-notícia dos dados científicos depende da intensidade da intriga à qual estão ligados.

Teoria e Metodologia de Análise

Para alcançar este objetivo, a pesquisa recorre à teoria desenvolvida por Luiz Gonzaga Motta (2005) que estipula que a narrativa jornalística delimita o acontecimento social a partir de capítulos e episódios, já que, nesta tese, episódios são como

Unidades narrativas analíticas intermediárias que relatam conjuntos de ações relativamente autônomos (motivos) correspondentes às transformações no transcorrer da história. Conectam-se ao todo, no qual significativamente se inserem (Motta, 2005, p. 5).

A teoria defende que a narrativa jornalística segue uma trama orquestrada pelos diretores e editores do jornal através de histórias que não visam o fim do relato e sim fisgar o leitor através de capítulos e episódios, compreendendo capítulos como as matérias jornalísticas e episódios como séries de reportagens.

Esta teoria tem como categoria fundamental a intriga, ou como coloca Luís Gonzaga Motta, o conflito, uma categoria analítica que “está presente na teoria do jornalismo como um valor-notícia, embora nem sempre este valor esteja claro na literatura” (Guazina, Motta, 2010, p. 132). Para este autor, o conflito é um valor-notícia

que abrange desde o confronto de ideias e ideologias à disputa entre personagens e atores sociais e influencia na escolha dos fatos que serão ou não reportados.

A teoria é que quase toda reportagem se inicia a partir de uma “situação problema que desestabiliza, rompe o equilíbrio, traz ambiguidades”, uma circunstância que “pode ser a falta ou o excesso de alguma coisa, pode ser uma inversão ou transgressão, pode ser um conflito manifesto ou implícito: um crime, um golpe, uma infração, um choque, um rompimento, uma anormalidade” (Motta, 2005, p. 5).

E, do ponto de vista da narrativa jornalística científica, esta anormalidade seria a negação a uma teoria ou metodologia aprovada pela comunidade acadêmica, a contestação de dados rigorosamente checados, a insinuação de que cientistas e pesquisadores manipulam os dados, dentre outras estratégias que comprometem a ciência e a pesquisa como formas válidas de compreender a realidade.

Nesta análise, a anormalidade analisada é a dúvida a uma metodologia de análise de desmatamento amplamente aceita por cientistas e defensores do meio ambiente e a acusação de que estas cientistas distorcem os dados a partir de vieses ideológicos. Uma anormalidade que surgiu em 2019, quando o ex-presidente Bolsonaro questionou o aumento da devastação das matas e acusou seu diretor de ter vínculo com ONGs, sendo uma anormalidade que ressurgiu em 2024, quando os dados do Inpe e também do IBAMA foram novamente necessários, já que a redução das matas voltou a preocupar.

Para analisar estes eventos, o estudo desenvolve uma análise de conteúdo assistida por computador, que é “similar à análise de conteúdo tradicional, ou seja, em que um texto é sistematicamente classificado em categorias de interesse e inferências são feitas a partir das características identificadas” (Neves, Massarani, 2022, p. 193).

Apesar, no entanto, de utilizar ferramentas e recursos tecnológicos, o estudo segue as etapas convencionadas por Bardin (2010): 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, cada uma consistindo de subetapas operacionalizadas através do uso de computador e outros aparelhos eletrônicos.

Na pré-análise, por exemplo, foi utilizada a ferramenta de busca do próprio jornal, que localizou um total de 137 notícias em 2019 e 64 matérias em 2024 que remetiam às palavras-chave “INPE” e “dados” durante os meses de julho a setembro de cada ano analisado. Este corpus considera todas as matérias publicadas pelo veículo de comunicação durante os dois períodos da análise e o prazo de 5 anos compreende os dois picos de discussão sobre esta polêmica envolvendo o desmatamento florestal, os

dados do INPE e os posicionamentos do ex-chefe do Executivo Jair Bolsonaro e do atual presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva.

O corpus foi analisado a partir da segunda etapa da análise, a exploração do material, que consistiu na detecção das principais palavras presentes nas reportagens e identificação dos principais contextos em que estas palavras se encontravam. A contextualização foi possibilitada pelo programa computacional AntConc através da ferramentas operacionais “word” (que em inglês significa palavra) e que detecta a frequência de cada termo, e da ferramenta “key word in context” (que em inglês significa palavra-chave em contexto), que identifica o contexto em que a palavra ocorre.

A partir destes achados, a pesquisa seguiu para o tratamento dos resultados, onde realizou a categorização das palavras mais frequentes do corpus a partir do que Bardin (2010) denomina de “análise de co-ocorrências”, que é a identificação de três tipos de resultados.

- 1 Associação (o elemento a aparece com o elemento b).
- 2 Equivalência (o elemento a ou o elemento d) aparecem num contexto idêntico.
- 3 Oposição (o elemento a nunca aparece com o elemento c) (Bardin, 2010, p. 113).

À análise importou verificar as principais associações, equivalências e oposições desenvolvidas pela narrativa jornalística da Folha der São Paulo aos dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais para inferir, com base nos dados encontrados, sobre a intriga social destacada pelo jornal.

Na conclusão, a pesquisa procurou evidenciar que o conflito é o principal valor-notícia da narrativa, ou seja, que a negação e a contestação da ciência foi o principal aspecto presente na cobertura, tendo em vista que o enquadramento predominante em toda narrativa jornalística é o conflito entre ideologia científica e política.

Análise e resultados

Utilizando, então, a teoria da narrativa (Motta, 2005), que considera que o acontecimento jornalístico é uma trama desenvolvida pelos diretores e editores do jornal, foram identificados os seguintes episódios e capítulos jornalísticos em 2019:

Quadro 1 – Acontecimento A Negação aos Dados do INPE

Capítulos (notícias)	Episódio (conjunto de notícias)
30	Contestação aos dados
24	Exoneração do diretor
37	Dia Do Fogo
46	Consequências ao meio ambiente

Fonte: os autores, 2025.

Na análise, detectou-se que a narrativa se inicia com 30 notícias que destacam a contestação do ex-presidente da República aos dados do INPE e a reação da comunidade acadêmica à dúvida gerada por Bolsonaro. Estas notícias foram agrupadas no episódio denominado Contestação aos Dados, que se inicia na matéria “Bolsonaro critica diretor do INPE por dados sobre desmatamento que prejudicam o nome do Brasil” e conclui na coluna “Bolsonaro abusa da antidiplomacia presidencial”.

Neste episódio, foi detectado que a palavra “dados” é a mais frequente da narrativa, ocorrendo 155 vezes em um contexto de oposição ao posicionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, o que possibilita classificar esta palavra como representando um conflito entre o político e o diretor do instituto de pesquisa, com o jornal destacando nove vezes a acusação realizada por Bolsonaro de que Galvão “poderia estar a serviço de alguma ONG” e evidenciando que a alegação era infundada e que demonstrava desconhecimento e preconceito.

O episódio seguinte é composto por 24 notícias focadas na demissão do diretor do instituto e na reação da comunidade internacional, sendo um excerto que se inicia na notícia “Diretor do INPE será exonerado após críticas do governo a dados de desmate” e termina na matéria “Governo alemão rebate Bolsonaro sobre verba para a Amazônia”.

“Bolsonaro” é a palavra que mais ocorre neste grupo de notícias, sendo citado 138 vezes e novamente em um contexto de oposição ao INPE e aos seus dados de desmatamento florestal, com o jornal destacando em duas notícias diferentes que o ex-presidente declarou que “os dados do INPE não correspondiam à verdade e sugeriu que Galvão poderia estar a “serviço de alguma ONG”” (Brant, Watanabe, 2024). Neste ponto da narrativa, inclusive, fica evidente o posicionamento do jornal de que é a acusação de Bolsonaro que não se fundamenta em fatos e que o cientista apenas divulgou alguns dados.

O próximo grupo é composto por 37 notícias que descrevem um sistemático incêndio de áreas florestais organizado por trabalhadores e produtores rurais. Este episódio inicia na notícia “Em ‘dia do fogo’, sul do PA registra disparo no número de queimadas” e conclui na matéria “Bolsonaro contraria dados do governo e diz que fogo é restrito a regiões desmatadas”.

Este episódio é, sem dúvida, o clímax da história, pois, para o jornal, o “Dia do Fogo” foi possibilitado pelo negacionismo científico e pela mudança na política ambiental, com o jornalista Fabiano Maisonnave destacando que os produtores que organizaram os incêndios se sentiam ““amparados pelas palavras do presidente” Jair Bolsonaro (PSL) e coordenaram a queima de pasto e áreas em processo de desmate na mesma data. O objetivo, segundo um dos líderes ouvidos sob anonimato, é mostrar para o presidente que querem trabalhar” (Maisonnave, 2019).

Este grupo de notícias destaca a palavra “Amazônia” em 245 ocasiões e a coloca em um contexto de associação ao equilíbrio do ecossistema, à preservação da biodiversidade, à evapotranspiração, dentre outras funções comprometidas pelas queimadas e incêndios e pela falta de políticas públicas ambientais. Considera-se, então, que o conflito deste episódio é novamente entre ciência e política, mas também entre meio ambiente e economia, na busca por um desenvolvimento sustentável.

Por fim, há 46 notícias que destacam a reação do governo aos incêndios florestais e as repercussões que o negacionismo científico trouxe à saúde dos brasileiros e à preservação da Amazônia. Este episódio foi denominado de Consequências ao Meio ambiente e tem início na coluna “Governo Bolsonaro está rifando o futuro da Amazônia”, assinada pela atual ministra do meio ambiente Marina Silva, e tem seu término na coluna “O presidente mente”, assinada pelo jornalista Marcelo Leite e que descreve as “mentiras” do ex-presidente em seu discurso na ONU.

Neste excerto, a palavra “Amazônia” é novamente a mais destacada pelos jornalistas e editores do periódico em um contexto de associação com os benefícios que esta mata traz ao Brasil, destacando que é “vital para diminuir o ritmo do aquecimento global”, “a maior floresta tropical do mundo” e “nosso bem comum”, o que permite categorizar a palavra como novamente remetendo a um conflito entre política e economia e ciência e meio ambiente.

A narrativa jornalística focada nos dados do INPE sobre devastação florestal, no entanto, perde espaço em outubro de 2019, quando os incêndios são controlados e o

conflito entre Bolsonaro e os cientistas é aplacado, ou seja, quando o conflito e a intriga são sanados e a situação climática se torna estável, o que reduz o volume de notícias sobre o INPE de 46 publicadas no mês anterior para apenas 6 no mês subsequente.

Este conflito, no entanto, retorna em agosto de 2024, quando surgem novas queimadas e o jornal volta a destacar os dados tanto do INPE como do IBAMA como as principais fontes de informação para descobrir as causas da devastação florestal. Estas notícias que podem ser agrupadas da seguinte forma:

Quadro 2 – Acontecimento Devastação Florestal em 2024

Capítulos (notícias)	Episódios (conjunto de notícias)
16	A continuidade dos incêndios
28	Dias de Fogo
20	A Explicação Científica

Fonte: os autores, 2025.

Nesta análise, constata-se que a narrativa de 2024 se inicia com 16 notícias que evidenciam a continuidade dos crimes ao meio ambiente apesar da mudança administrativa implementada pelo governo federal. Estas notícias foram agrupadas no episódio denominado Continuidade dos Incêndios, que inicia na reportagem “Quem criticou Bolsonaro não deveria calar quando Lula erra” e é concluído na matéria “Amazônia degradada por fogo vira 'paliteiro' que espanta animais e agrava seca”.

Neste episódio, a palavra “incêndios” é a mais destacada pelo jornal, ocorrendo 63 vezes em um contexto de associação com queimadas no pantanal, no centro-oeste e no país e noticiando que, apesar de ter havido uma mudança de governo, o fogo continua a se alastrar. O conflito, portanto, não é mais entre política e ciência e sim entre economia e meio ambiente, a busca pela exploração racional dos recursos naturais.

Seguem as 28 notícias que reportam “Dias de Fogo” em que agentes desconhecidos realizam um novo incêndio organizado que atinge quase 60% do país. Estas notícias são agrupadas num episódio que tem início na matéria “Incêndios cobrem cidades de fumaça, fecham rodovias e levam SP a criar gabinete de crise” e termina na notícia “AM, MS e MT batem recorde de emissões de carbono por queimadas”.

Nesta sequência de reportagens, a palavra “incêndios” é novamente a que mais ocorre, sendo citada 185 vezes por repórteres e jornalistas e sempre em um contexto de

associação a “incêndios florestais do pantanal”, “em municípios de todas as regiões” e em “todo o país”. Na narrativa, porém, o jornal procura checar a hipótese levantada pelo presidente da República de que “tem gente colocando fogo de maneira ilegal” nas matas, bem como averiguar a alegação feita pela ministra Marina Silva que comparou as queimadas de 2024 ao 'dia do fogo' de 2019 (Feitoza, 2024). Entretanto, apesar de apresentar indícios de que havia uma correlação entre os dois episódios, a narrativa evidencia que não há provas que interconectem as duas ações incendiárias.

A narrativa é concluída com 20 notícias dedicadas a explicar a extensão da devastação florestal e as causas do desmate. Estas matérias foram agrupadas no episódio denominado de Explicação Científica, que tem início na notícia “Entenda em mapas a evolução dos incêndios no Brasil nos últimos meses” e termina na matéria “Maioria absoluta de incêndios que atingem o Brasil tem origem humana, dizem cientistas”.

Este episódio tem a palavra “fogo” como a que mais ocorre nas notícias e reportagens, sendo citada em 78 ocasiões. Do ponto de vista da qualidade, esta palavra se diferencia na comparação que o jornal realiza, em dois momentos da narrativa, as queimadas de 2024 à crise sanitária da Covid-19, com o repórter Maurício Frighetto, inclusive, destacando que “ainda há muito a ser feito se quisermos enfrentar com efetividade a 'pandemia do fogo' e a emergência climática" (Frighetto, 2024).

Esta narrativa, no entanto, não apresenta o profundo conflito que se deu em 2019, com o presidente Jair Bolsonaro negando os dados de desmatamento e realizando acusações tanto à metodologia científica como à idoneidade dos profissionais. Na narrativa de 2024, o que se destaca é o confronto entre ambientalistas e desmatadores que é característico da região e é noticiado há décadas.

Esta narrativa se enfraquece em outubro de 2024, já que neste mês os incêndios são controlados e os números do INPE e do IBAMA são atestados, ou seja, novamente o conflito e a intriga são sanados e a situação climática se torna estável. A estabilidade faz com que o número de notícias sobre o INPE se reduza de 30 reportagens publicadas no mês de setembro para apenas 5 publicadas no mês posterior.

Inferências e conclusões

Assim, com base nos conteúdos coletados sobre os dois acontecimentos jornalísticos analisados, este estudo infere que:

1. O valor-notícia dos dados do INPE variou de acordo com o contexto social em que estavam inseridos tanto em 2019 como em 2024, com um número maior de notícias sendo publicadas quando os dados científicos foram contestados e com um quantitativo menor quando este conflito foi sanado;
2. O valor-notícia conflito também explica o protagonismo de Bolsonaro em 2019, já que este ator agiu como um negacionista que entrou em embate com cientistas e procurou mudar a forma como os dados são coletados;
3. Por fim, o valor-notícia conflito também pode ser utilizado para compreender o motivo pelo qual o “Dia do Fogo” se torna o clímax tanto da narrativa de 2019 como de 2024, já que este evento provocou uma contenda não só entre produtores rurais e cientistas, mas com boa parte da sociedade.

Conclui-se, então, que o valor-notícia dos dados do INPE variou de acordo com o nível de conflito social que estes números evocavam - quanto mais eram contestados, mais notícias geravam. Conclui-se ainda que o conflito destacado pelas reportagens de 2019 não coincide com o de 2024, já que o conflito de 2019 era focado na dialética entre política e ciência enquanto o de 2024 é focado na ação do governo contra os agentes incendiários.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2010.

BRANT, Danielle. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/bolsonaro-critica-diretor-do-INPE-por-dados-sobre-desmatamento-que-prejudicam-nome-do-brasil.shtml>> Acesso em: 31 ago. 2024.

BRANT, Danielle. Watanabe, Philippe. São Paulo, 2 ago. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/diretor-do-inpe-sera-exonerado-apos-criticas-do-governo-a-dados-de-desmate.shtml>> Acesso em: 5 set. 2024.

FEITOZA, C. Folha de São Paulo. 25 ago. 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/08/policia-federal-investiga-se-houve-acao-criminosa-em-incendios-de-sp.shtml>> Acesso em: 21 abr. 2025.

FRIGHETTO, Maurício. São Paulo, 18 set. 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/09/governos-estaduais-e-federal-pecam-na-prevencao-de-incendios.shtml>> Acesso em 30 abr. 2025.

MAISONNAVE, Fabiano. São Paulo, 14 ago. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/em-dia-do-fogo-sul-do-pa-registra-disparo-no-numero-de-queimadas.shtml>> Acesso em: 25 abr. 2025.

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: CONGRESSO Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2005. p. 05-09.

MOTTA, L. G.; GUAZINA, L. O conflito como categoria estruturante da narrativa jornalística - o caso do Jornal Nacional. **Brazilian Journalism Research** (Impresso) v. 6, p. `21, 2010.

NEVES, L. F. F.; MASSARANI, L.. A vacina em dois jornais brasileiros antes e durante a COVID-19. **MATRIZES**, USP, v. 16, n. 2, p. 191-216, 2022.

Poder 360. Os maiores jornais do mundo pelo número de assinantes, 26 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://graficos.poder360.com.br/uYo8r/2/>> Acesso em 08 jun. 2023.